

“O modelo exato de um movimento populista”: ascensão e queda de Bruno de Carvalho como presidente do Sporting Clube de Portugal. Tomando como ponto de partida a crise de um grande clube desportivo português, este artigo analisa a emergência do que foi classificado como “o modelo exato de um movimento populista”. Com base no conceito polanyiano de duplo movimento, este texto defende que para compreender a ascensão e queda de Bruno de Carvalho devemos considerar as transformações nos modelos de governação dos clubes portugueses desde meados da década de 1990, o seu lugar numa nova economia política do futebol e a sua relação com a economia moral específica de diversos sectores de adeptos portugueses. O artigo apoia-se numa ampla gama de fontes, incluindo imprensa, blogs de adeptos, memórias de presidentes e observação participante, para explorar os ciclos eleitorais que levaram Bruno de Carvalho ao poder e os debates que ocorreram dentro do clube entre 2011 e 2018.

PALAVRAS-CHAVE: sociologia; desporto; duplo movimento; populismo.

“The exact model of a populist movement”: the rise and fall of Bruno de Carvalho as president of Sporting Clube de Portugal. Taking the crisis of a major Portuguese sports club as a starting point, this paper analyses the emergence of what was called “the perfect model of a populist movement”. Drawing on the Polanyian concept of double movement, my central argument is that to understand the rise and fall of Bruno de Carvalho as club president it is fundamental to consider the transformations on the governance models of Portuguese clubs since the mid-1990s, their place in a new global political economy of football and their relationship with the specific moral economy of large sections of Portuguese supporters. The paper is grounded on a wide range of sources, including, but not limited, to the press, club supporters’ blogs, president memoirs and participant observation, to explore the electoral cycles that brought Bruno de Carvalho to power and the debates that took place inside the club between 2011 and 2018.

KEYWORDS: sociology; sports; double movement; populism.

RAHUL KUMAR

“O modelo exato de um movimento populista”: ascensão e queda de Bruno de Carvalho como presidente do Sporting Clube de Portugal

INTRODUÇÃO

A 15 de maio de 2018, quarenta homens encapuçados, pertencentes às claque do Sporting Clube de Portugal, invadiram o campo de treinos do clube e agrediram os jogadores da equipa de futebol. O ataque, realizado poucos dias antes da final da Taça de Portugal, terá sido motivado pelas más prestações da equipa: duas derrotas haviam comprometido as hipóteses de vencer o campeonato nacional e a continuação nas provas europeias. Nos meses seguintes, o clube viveu uma situação de conflito interno e instabilidade institucional, o que levou à intervenção de um vasto conjunto de figuras públicas e mobilizou a atenção de todos principais meios de comunicação social portugueses. A situação apenas começou a normalizar depois de, no início de setembro, ter sido eleito um novo presidente e uma nova direção.¹

Aquele caso, cujo impacto normalmente estaria circunscrito ao mundo do futebol, capturou a imaginação nacional. Os responsáveis pelo ataque estiveram durante dois anos em prisão preventiva, sob a acusação de terrorismo. Tornaram-se os símbolos de um pânico moral sobre a violência urbana e a alienação dos adeptos de futebol. Mas a principal razão para que este episódio se tornasse um caso político, com inúmeros debates e comentários nos canais de notícias por cabo e na imprensa escrita, por parte de analistas e especialistas de vários tipos, foi a figura controversa e abrasiva do então presidente

1 Para um artigo de opinião que faz uma cronologia da complexa sequência de acontecimentos veja-se: Henrique Monteiro, “Porque deve Bruno de Carvalho ser expulso?”, *A Bola*, 4 de julho de 2019. Disponível em: <https://www.abola.pt/opinioes/noticias/porque-deve-bruno-de-carvalho-ser-expulso-2023080806195275575>, acedido a 26-04-2024.

do Sporting, Bruno de Carvalho. Um ano antes, fora reeleito com 86% dos votos e aclamado pelos sócios do clube mais ligado às elites portuguesas. Havia-se tornado, em paralelo, um símbolo de demagogia na opinião pública portuguesa. Foi comparado a Kim Jong-un por rivais e críticos, como Ribeiro e Castro, dirigente do CDS.² O seu estilo, discurso e ideias foram classificados por Vasco Pulido Valente, um influente académico e comentador político, como o “modelo exato de um movimento populista”. Para Pulido Valente, “o que aconteceu no Sporting só podia ter acontecido no Sporting. É típico de um certo tipo de regime político. Há os notáveis de um lado e o povo do outro”. Para depois concluir “Bruno de Carvalho é o resultado da sua aliança com o povo e contra os notáveis”.³ Para Miguel Poiars Maduro, académico e antigo ministro, a diferença daquele incidente em relação a outros, onde inclui adeptos mortos e invasões a estádios e centros de treino, “é o contexto em que ocorreu e a relação estabelecida com o comportamento de um presidente”.⁴ Noutro quadrante político, o historiador José Neves classificou-o como “um caso monstruoso” e “um exemplo extremo de uma cultura de poder vigente em boa parte do sistema futebolístico profissional português e que um Estado democrático não pode admitir”.⁵

Bruno de Carvalho seria destituído do cargo um mês depois do ataque, em junho de 2018, numa assembleia geral participada por mais de quinze mil sócios. Embora tenha sido, mais tarde, absolvido de todas as acusações, a grande maioria das pessoas acreditava na altura, e continua a acreditar vários anos depois dos acontecimentos, que ele foi o autor moral, se não material, do ataque. O seu mandato como presidente do Sporting terminou assim como começou: com estrondo. A entrada de Bruno de Carvalho no futebol português deu-se nas eleições de 2011 para a direção do Sporting, quando ficou em segundo lugar, com 36,15% dos votos, a apenas 360 votos da vitória.

2 “Ribeiro e Castro compara Bruno de Carvalho a Kim Jong-un e não fica sem resposta”, *O Jogo*, 13 de novembro de 2017. Disponível em: <https://www.ojogo.pt/futebol/1a-liga/sporting/noticias/amp/ribeiro-e-castro-compara-bruno-de-carvalho-a-kim-jong-un-e-nao-fica-sem-resposta-8914767.html/>, acedido a 26-04-2024.

3 Luís M. Faria, “Vasco Pulido Valente: «A única saída para alguém como Bruno de Carvalho era destruir o Sporting»”, *Expresso*, 1 de setembro de 2018. Disponível em: <https://expresso.pt/arquivo/desporto/2018-09-01-Vasco-Pulido-Valente-A-unica-saida-para-alguem-como-Bruno-de-Carvalho-era-destruir-o-Sporting-1>, acedido a 26-04-2024.

4 Miguel Poiars Maduro, “Como o jogo mais bonito ficou tão feio”, *Público*, 20 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/05/20/opiniao/ensaio/como-o-jogo-mais-bonito-ficou-tao-feio-1830715>, acedido a 26-04-2024.

5 José Neves, “De que é Bruno de Carvalho o nome?”, *Público*, 16 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/05/16/desporto/opiniao/de-que-e-nome-bruno-de-carvalho-1830358>, acedido a 26-04-2024.

É importante notar que em alguns clubes portugueses os sócios não têm todos o mesmo número de votos (os sócios com mais anos de quotizações têm mais votos). Nesta eleição específica, a diferença podia chegar aos 19 votos. Em 2011, Bruno de Carvalho obteve o maior número de votantes: 6047, contra 4511 do seu rival direto. Mas os votantes em Bruno de Carvalho eram sócios jovens. A noite eleitoral terminou com um motim dos seus apoiantes, com a alegação de que a contagem dos votos havia sido manipulada. Tornar-se-ia presidente dois anos mais tarde.

A ascensão de Bruno de Carvalho à liderança de um dos principais clubes desportivos portugueses e o seu tumultuoso mandato não se enquadram facilmente em nenhum dos padrões e perfis dos presidentes de clubes de futebol em Portugal. Foi um dos primeiros presidentes profissionais. Não era um investidor, um proprietário ou um empresário, um notável ou “carola”, uma celebridade ou um político.⁶ O mandato de cinco anos do “presidente-adepto” tornou-se um símbolo do populismo moderno. É precisamente isso que o torna um estudo de caso perfeito (Ragin e Becker, 1992) para examinar criticamente as dimensões simbólicas, estilos de gestão e investimentos políticos de um presidente de clube de futebol (Bromberger, 1995; Porro e Russo, 2001; Clift e Tomlison, 2021; Molnar e Whigam, 2021) e para estudar as implicações políticas destas figuras no Portugal democrático (Kumar, 2012). Ao centrar-me nas lutas políticas, nas mudanças organizacionais e nas transformações da economia política do futebol português, espero construir um relato mais preciso e complexo da ascensão e queda desta figura “populista” e sobre a forma como ela dialoga com o clima político no qual se inscreve (Silva e Marinha, 2024).

Seguindo temas e abordagens sugeridos por alguns dos principais investigadores do populismo, grande parte do debate público em torno da sua presidência fixou-se no seu repertório discursivo e estilístico (Mudde e Kaltwasser, 2017; Brubaker, 2017): na sua contestação do domínio das elites tradicionais do clube, no uso de linguagem grosseira, no seu desprezo sistemático pela oposição interna, na instigação metódica de conflitos com clubes e adeptos rivais, no seu total desrespeito pelos *media*. Se tudo isto constitui, de facto, uma descrição bastante precisa das performances de Bruno de Carvalho, também constitui uma análise bastante incompleta das complexas razões que contribuíram para a sua ascensão à presidência do clube, do apoio que recebeu

6 Para uma visão panorâmica e atualizada sobre o perfil dos presidentes dos clubes desportivos, veja-se o número especial da revista *Soccer and Society*, de 2025, organizado por Luiz Guilherme Burlamaqui e Jean Michel de Waele, dedicado ao tema “Football Presidents: Towards a Typology of Political Cultures”.

dos sócios e das múltiplas razões que explicam esse apoio. Para compreender a trajetória deste presidente de clube de futebol, e seguindo a análise de Peter Evans à ascensão de Bolsonaro, temos de ir além da estética pouco apelativa do discurso e olhar para a “estrutura subjacente do poder económico que abriu o espaço político em que uma figura como” Bruno de Carvalho “podia cavalgar uma nova combinação de vetores organizacionais e culturais para o poder” (Evans, 2021, p. 675). Todavia, ao contrário de Bolsonaro que, segundo Evans, representou os interesses do capital financeiro, Bruno de Carvalho representou justamente um movimento contra esses interesses.

A ideia central que organiza este artigo é a de que as lutas observadas nos clubes desportivos devem ser integradas no quadro mais amplo dos conflitos sociais contemporâneos, nomeadamente naquilo a que Nancy Fraser chama “boundary struggles”, os repertórios de protesto que “dizem respeito à existência, localização e carácter das fronteiras que separam a economia da política, a produção de mercadorias da reprodução social, a sociedade humana da natureza não humana” (Fraser, 2017, p. 6). Os clubes desportivos em Portugal, como noutros países, enquanto expressão institucional de projetos coletivos, podem ser vistos simultaneamente como empresas de produção de mercadorias e como organizações integradas nos quadros de reprodução social e representação comunitária (Dunning e Sheard, 2005). Este é o conflito central que molda as lutas sociais e políticas contemporâneas que ocorrem dentro de alguns deles, como um conjunto de estudos tem vindo a relatar: a proteção de instituições comunitárias contra a expansão crescente das forças de mercadorização dos clubes e do jogo (Brown, 2008; Merkel, 2012; Millward, 2012; Webber, 2017; Lopes e Hollanda, 2018; Alcock, 2021).

O conceito de duplo movimento de Karl Polanyi, ao obrigar a considerar a incrustação social e cultural das instituições económicas, é especialmente útil como infraestrutura analítica para construir o meu argumento. Numa das formulações mais memoráveis de *A Grande Transformação*, Polanyi defende que o desenvolvimento das sociedades contemporâneas foi moldado por um duplo movimento: “O mercado expandiu-se continuamente, mas este movimento era contrabalançado por um contramovimento a controlar a expansão em determinadas direções” (Polanyi, 2012, p. 297). O movimento protecionista procurou preservar as instituições, os modelos de organização da produção e o ambiente natural afetados pela ação do mercado. Mais ainda, enquanto a institucionalização da economia de mercado era planeada e dependia de ações deliberadas, “o contramovimento frente ao liberalismo económico e ao *laissez-faire* possuiu todas as características inconfundíveis de uma reação espontânea. Manifestou-se em torno de numerosos problemas avulsos, sendo impossível estabelecer ligações entre os interesses diretos que o motivaram ou

a coerência ideológica entre as suas diversas ações” (Polanyi, 2012, pp. 322-323). Seguindo Polanyi, defenderei que o clube desportivo, com as suas diversas trajetórias sociais em diferentes contextos nacionais, pode ser entendido como um dos polos de representação comunitária cujo significado na vida dos seus membros deve ser levado a sério. Os conflitos observados no Sporting Clube de Portugal desde os primeiros anos do século XXI encaixam-se perfeitamente neste duplo movimento: um choque entre um movimento de mercadorização e empresariação do clube e um movimento de proteção da instituição assente em valores comunitários específicos.

O artigo encontra-se, assim, dividido em quatro partes. Começarei por descrever a formação institucional e moral do clube desportivo português. A segunda secção analisará a transformação do clube desportivo associativo numa organização empresarial orientada para a produção de lucros. Focarei-me no fenómeno que ficou conhecido como o “Projeto Roquette”, e que implicou a formação de uma Sociedade Anónima Desportiva (SAD) para gerir o futebol do Sporting e uma *holding* para administrar as atividades associadas. Na secção seguinte, será feito o levantamento da emergência de resistências sociais a este processo de mercantilização do clube. Concluirei com uma discussão sobre a ascensão e queda de Bruno de Carvalho e a forma como a sua política se relaciona com este programa. Ao longo do artigo, assente em fontes primárias impressas, análise de blogues e observação participante, irei articular a ação de cada um destes princípios organizadores, o princípio do liberalismo económico e o princípio da proteção social com formas institucionais específicas, “encarnações de um sentido e um projeto humanos” (Polanyi, 2012, p. 466), o apoio de determinadas forças sociais e métodos distintivos.

A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO CLUBE DESPORTIVO EM PORTUGAL

O Sporting Clube de Portugal, fundado em 1906, é considerado um dos “três grandes”, estatuto que detém juntamente com os rivais Sport Lisboa e Benfica e Futebol Clube do Porto. Estes três clubes dominam o desporto português, tanto no futebol como em muitas outras modalidades. Entre os três quintos dos residentes em Portugal que afirmavam gostar de futebol, 80% eram adeptos de um desses três clubes. Mais de metade foram classificados como “grandes ou genuínos adeptos do clube”, que viam o clube jogar todas as semanas, seguiam a imprensa especializada e consideravam que o “clube é muito importante na sua vida”, e que “sofreriam muito se o clube deixasse de existir” (Nunes, 2007, p. 37). Os “três grandes” também concentram a cobertura mediática do desporto no país, que conta com três jornais diários especializados, centrados

sobretudo no futebol (Domingos e Kumar, 2006). Num país governado durante grande parte do século xx por regimes políticos que limitaram ou proibiram os partidos políticos autónomos e os sindicatos, as associações desportivas foram, e ainda são, um dos sectores mais dinâmicos da sociedade civil portuguesa (Melo, 2010; Pratas, 2022).

O contexto social do clube desportivo português e a economia moral que lhe dá forma assentam em fundamentos históricos específicos e numa trajetória social particular (Kumar, 2020). Tal como noutros contextos nacionais (Pujadas e Torres, 2000), o desenvolvimento do desporto em Portugal esteve associado às atividades de lazer das classes dominantes. Enquanto ponto de encontro e de integração dos diferentes estratos das classes altas, os clubes desportivos ofereciam um vasto leque de práticas desportivas aos seus sócios. A maioria dos clubes portugueses dedicou-se historicamente a uma atividade desportiva diversificada, normalmente caracterizada como “eclectica”, enquadrada pelos valores do amadorismo, associada a uma intensa agenda social e filantrópica. Pelo contrário, as iniciativas políticas foram explicitamente proibidas nos estatutos de muitos clubes, sendo o Sporting um deles. Embora os clubes desportivos portugueses tivessem a função manifesta de promover o desporto, tornaram-se também espaços de sociabilidade e de integração política no espaço urbano português (Nunes, 2007; Domingos e Pereira, 2019; Silva, 2024).

O modelo organizacional privilegiado para estas instituições, centradas na promoção de atividades de lazer de carácter não comercial, foi o da associação recreativa sem fins lucrativos. A transformação de grupo exclusivo em clube de massas – a partir da década de 1950 os grandes clubes passaram a ter mais de 10 000 atletas amadores cada, em modalidades como a natação, a ginástica e as artes marciais e construíram estádios com capacidade para mais de 60 000 espectadores – levou ao surgimento de um novo tipo de lideranças. À medida que o futebol se tornou num espetáculo popular, e com o aumento da competitividade, observou-se a crescente profissionalização dos atletas e a comercialização do desporto. As culturas adeptas mantiveram-se, em grande medida, ambivalentes em relação a este processo de comercialização. Apesar do desejo de triunfo no futebol profissional, que exigiu um investimento económico crescente, a especialização funcional e a profissionalização dos atletas, a ligação emocional do sócio ao seu clube foi em grande parte construída sobre a nostalgia do tempo do “amor à camisola” e em categorias como “relação pura”, “amor profundo pelo clube” e “lealdade” (Nunes, 2007, p. 100).

Depois de ter sido liderado pela geração de atletas e fundadores, seguida por uma geração de altas figuras políticas e militares, a partir de finais da década de 1950 o Sporting, tal como outros clubes portugueses, passou a ser dirigido por

empresários, que combinavam a legitimidade associada a empreendimentos económicos de sucesso com uma fortuna pessoal que colocavam ao serviço do clube. Tal como Burlamaqui (2013) demonstrou para o caso brasileiro, as ideias de dádiva e de mecenato foram categorias fundamentais através das quais os presidentes dos clubes de futebol em Portugal enquadraram o significado das suas práticas de liderança. A rápida mudança das condições sociais para a produção do espetáculo desportivo e o aumento da comercialização do desporto na década de 1990 (King, 2002; Kennedy e Kennedy, 2016) combinados com as condições específicas do espaço social português, que vivia então um período de rápida transformação socioeconómica, ligado à liberalização e financeirização da economia e à integração europeia (Rodrigues, Santos e Teles, 2016), abriram caminho para a reconfiguração institucional do clube desportivo português. Mas também para um novo tipo de liderança, num momento em que o anterior modelo, muitas vezes paternalista e autoritário, começou a ser questionado e entendido como um sinal da persistência de legados corporativos que já não serviam uma sociedade liberal e moderna (Silva e Tomaz, 2017).

DE ASSOCIAÇÃO A EMPRESA: O “PROJETO ROQUETTE”

A solução triunfante para “modernizar” o futebol português foi, de acordo com as ideias dominantes da época, a transformação dos clubes desportivos portugueses em organizações empresariais. José Roquette, o homem que liderou o processo, tinha duas histórias para contar. Até à revolução de 25 de Abril de 1974, que pôs fim a 48 anos de regime fascista, foi um dos principais gestores e acionistas de um dos maiores grupos financeiros portugueses, o Grupo Espírito Santo, então nacionalizado (Noronha, 2018). Após a revolução, fugiu do país, tal como muitos membros da elite política e económica nacional. Regressou a Portugal em 1979, depois de uma estadia de três anos no Brasil, onde dirigiu um banco fundado pelo Grupo Espírito Santo com o apoio da ditadura militar brasileira. Rapidamente recuperou o controlo do seu latifúndio no Sul de Portugal (a Herdade do Esporão) e beneficiou também, no final da década de 1980, da polémica privatização do Banco Totta & Açores. Era, em suma, um membro das elites tradicionais que procurava uma nova posição na sociedade portuguesa e, após a derrota da revolução socialista, contribuir para reafirmar o poder das classes dominantes sobre o sistema político e económico do país com a gradual institucionalização da governação neoliberal (Harvey, 2005).

Mas o que o tornava realmente na figura perfeita para liderar a transformação de um clube associativo numa sociedade anónima desportiva era a sua linhagem familiar. José Holtreman Roquette era neto do fundador do clube,

José Holtreman Alvalade, visconde de Alvalade. Foi, então, com o prestígio da sua herança familiar que se propôs salvar da decadência uma das mais importantes instituições do desporto e da sociedade portuguesa. Como o próprio afirmava, o Sporting “é algo que me está nas veias, nas veias da minha família há três ou quatro gerações. Por isso, é a paixão que me faz correr. Porque o resto é um enorme incómodo e não vim buscar rigorosamente nada ao Sporting”. Ainda assim, o projeto encerrava outros objetivos: “Tenho o sentimento de que o Sporting, como grande instituição que é, atravessando a vida portuguesa, é também uma razão de mudança da nossa sociedade. Há várias maneiras de mudar o país e o envolvimento político, por exemplo, é uma das formas; mas o desporto também tem um papel a desempenhar, e há um sentido de missão, que atribuo ao Sporting nesse âmbito, e que para mim também tem significado.”⁷

Essa missão consistia em introduzir “rigor e transparência”, acabar com o que classificava de “gestão por delírio, ou seja, uma tomada de decisão baseada em 90 por cento na emoção e na demagogia” (Roquette e Vegar, 2016, p. 154) e construir um novo quadro organizativo para o futebol português. A transformação do clube numa empresa, uma sociedade anónima desportiva, supervisionada por instituições reguladoras respeitáveis e gerida por profissionais de renome, baseava-se na premissa de que os modelos de gestão tradicionais eram inadequados e os adeptos irracionais. Os clubes ingleses eram o modelo a seguir. A Liga dos Campeões prometia um futebol ainda mais brilhante. O projeto começou a ser implementado após as eleições de 1995, “apoiado por um grupo de adeptos sérios, dedicados e corajosos” (Roquette e Vegar, 2016, 153), que transportavam consigo a autoridade social e política produzida por aquele contexto particular de fim da história. Entre os associados de Roquette encontravam-se representantes de grandes empresas internacionais de consultoria, gestores de alguns dos maiores bancos portugueses, sócios de reputadas sociedades de advogados, importantes empresários do sector da construção civil e da comunicação social, bem como respeitados políticos de centro-direita e de centro-esquerda. Embora Roquette não tenha, nessa altura, assumido a presidência – considerou que esse papel deveria ser ocupado por alguém com maior apelo popular –, era consensualmente reconhecido como o mentor do plano.

A presidência foi assumida por Pedro Santana Lopes, uma figura de topo do partido conservador PSD, um distinto *socialite* de origens aristocráticas,

7 José Manuel Delgado, “Entrevista a José Roquette: «É a paixão que me faz correr»”, *Record*, 30 de outubro de 1999. Disponível em: <https://www.record.pt/futebol/futebol-nacional/liga-bet-clic/sporting/detalhe/jose-roquette-e-a-paixao-que-me-faz-correr>, acedido a 26-04-2024.

comentador de futebol na televisão. Quando a sua equipa assumiu a presidência, em 1995, “a situação financeira do clube era tão grave e obscura que só depois de quatro auditorias realizadas por empresas especializadas foi possível conhecer com exatidão o estado financeiro do clube, que era dramático. O défice tinha atingido os 30 milhões de euros” (Roquette e Vegar, 2016, p. 156). Na sua autobiografia, Roquette recorda a situação de forma inequívoca e tece algumas considerações sobre os dois anteriores presidentes. Jorge Gonçalves – que tinha deixado um passivo de quase 15 milhões de euros, obrigando-o a fugir de Portugal para escapar à prisão por dívidas relacionadas com os seus negócios pessoais – havia levado a um “colapso total das finanças e da gestão do clube” (Roquette e Vegar, 2016, p. 153). Sobre a gestão de Sousa Cintra diz: “Era tão absurda que, quando se construiu o novo estádio, encontramos quilos e quilos de ossos de animais enterrados no relvado, confirmando o boato de que Cintra usava bruxos africanos para obter vitórias nos jogos de futebol” (Roquette e Vegar, 2016, p. 154). Mais do que uma afirmação de facto, o comentário deve ser tratado com algum cuidado. Pode ser lido, claro, como um caso de desprezo da velha aristocracia em relação ao dinheiro novo. Mas também pode ser interpretado como um sinal de ressentimento pessoal. Cintra era um novo-rico, que começara a vida como paquete de um hotel de luxo. Após a revolução de 1974, fez fortuna no sector imobiliário, comprando e revendendo propriedades de latifundiários fugidos para o Brasil. Ficou conhecido como o “rei das águas” (era proprietário de uma das maiores empresas de água engarrafada do país) e por ter uma certa propensão para as *gaffes* culturais, sinal de ausência de uma educação cuidada. A sua candidatura bem-sucedida em 1989 fez com que o “Projeto Roquette” fosse adiado por alguns anos. Os adeptos, por sua vez, também não alinhavam com este juízo depreciativo sobre Cintra, efusivamente festejado pelos sócios durante as eleições de 1995 (às quais não se candidatou para abrir o espaço a Santana Lopes) por ter salvo o clube da falência.

Numa instituição que se orgulhava do seu historial em várias modalidades desportivas – uma forma também de se distinguir e competir com o rival Benfica que dominava o futebol português desde o início dos anos 1960 –, uma das primeiras medidas do novo presidente, Pedro Santana Lopes, foi extinguir as secções profissionais de hóquei em patins, voleibol e basquetebol. O andebol sobreviveu, tal com o atletismo (que já havia produzido duas medalhas olímpicas e era orientado por Mário Moniz Pereira, um treinador com enorme prestígio entre os sócios), como uma das três modalidades profissionais do clube. A lógica era clara: as modalidades que não atingissem a sustentabilidade financeira não seriam viáveis. O objetivo de equilibrar as finanças do clube (afirmava-se que o conjunto das secções desportivas profissionais tinha um

défice superior ao do futebol) levou também à extinção do futebol feminino e à implementação de uma quota suplementar de 100 euros, o que provocou a saída de muitos milhares de sócios do clube. O Sporting voltava a ser, ou pelo menos pretendia-se que fosse, um clube das elites. Apesar disso, e passado apenas um ano, Santana Lopes abandonou o clube para prosseguir a sua carreira política, não sem antes despedir o treinador da equipa principal de futebol, Carlos Queiroz.

A segunda fase do projeto centrou-se numa “estratégia de racionalização, assente nos já referidos métodos profissionais de gestão, e na rentabilização das duas grandes mais-valias do clube, o seu património imobiliário, e o seu valor como marca de impacto na população portuguesa, especialmente nas classes A e B de consumidores” (Roquette e Vegar, 2016, p. 157) Este projeto, que “exigia tempo para ser implementado”, conduziria naturalmente a uma “travessia do deserto no campo do sucesso desportivo” (Roquette e Vegar, 2016, p. 155). Dos gabinetes de Alvalade e do escritório de advogados de Miguel Galvão Teles, presidente do Conselho Fiscal do Sporting – que também liderou a revisão dos estatutos do clube “para que o Sporting nunca mais fosse exposto a má gestão ou a abusos de poder” (Roquette e Vegar, 2016, p. 155) –, saiu a nova legislação sobre as sociedades anónimas desportivas. Roquette declara com orgulho: “O decreto-lei das SAD’s foi também inteiramente redigido pelo Miguel e pela sua equipa, aprovado sem a alteração de uma vírgula por José Sócrates, na altura Secretário de Estado do Desporto e, em agosto de 1997, publicado em Diário da República pelo Primeiro-Ministro António Guterres” (Roquette e Vegar, 2016, p. 158). O projeto imobiliário do novo estádio incluía a abertura de um centro comercial, a construção de um edifício de escritórios e um pequeno *health club*, cuja exploração foi atribuída a uma empresa privada. Nas duas décadas seguintes, as várias secções desportivas do clube tiveram uma vida nómada na zona de Lisboa, com resultados medíocres ao longo de todo o período.

Apesar da saída de vários milhares de sócios, do descontentamento provocado pela crise em várias modalidades e da gestão errática da equipa de futebol, o sucesso chegou mais cedo do que o previsto. No final da época 1999-2000, já com Roquette na presidência, o clube tornou-se campeão nacional de futebol ao fim de 18 anos. O triunfo repetiu-se na época 2001-2002. A 6 de agosto de 2003, o novo estádio foi inaugurado com uma vitória por 3-1 sobre o Manchester United. Foi um momento que marcou um ponto de viragem na forma como o “Projeto Roquette” era encarado pelos sócios do clube. Depois de ter aprovado a transferência de Ricardo Quaresma para Barcelona nesse verão, a direção havia assegurado que iria manter os melhores jogadores. Semanas depois, ainda antes do início da época, no dia da

inauguração do novo estádio, foi oficializada a mudança de Cristiano Ronaldo para o Manchester United. A mensagem era clara: todas as escolhas estavam subordinadas ao equilíbrio financeiro a curto prazo. O título teve um custo. As épocas seguintes revelar-se-iam cada vez mais difíceis.

Nos anos imediatos, assistiu-se também a uma deterioração das relações entre dirigentes e adeptos, constantemente acusados pela direção de serem uma “força de bloqueio” (Teles, 2010). Algo que não se observava nos clubes rivais. A esperança de construir um capitalismo popular baseado na fidelidade ao clube nunca se concretizou. Mas os sócios continuavam a ser exigentes e incómodos para o novo modelo de gestão. O custo do novo estádio foi o dobro do inicialmente previsto. O fracasso do projeto imobiliário deixou, em 2005, o clube numa situação financeira delicada. O período também se pode definir pela desmobilização dos adeptos e por uma governação cada vez mais antidemocrática, com a cooptação de presidentes, sem eleições nem oposição. Depois de António Dias da Cunha ter substituído José Roquette antes do final do seu mandato em 2000, Filipe Soares Franco, também ele um homem de velhas famílias aristocráticas e administrador de uma grande empresa de construção civil, ascendeu à presidência, sem eleições, em 2005. Quase de imediato, pediu autorização aos sócios para vender o património imobiliário do clube, que nunca deu lucro – muito pelo contrário – e parte do capital da SAD, de forma a reduzir o enorme passivo de 277 milhões de euros gerado ao longo da década anterior. A rejeição da proposta numa assembleia geral realizada a 17 de março de 2006, com a presença de mais de 3000 sócios, uma participação recorde numa assembleia geral, marcou outro ponto de viragem e aprofundou a oposição ao “Projeto Roquette”.

Não obstante, Soares Franco venceu as eleições realizadas a 28 de abril de 2006, apresentando variações do mesmo plano para aprovação dos sócios nos anos seguintes. O seu mandato resultou na venda de uma parte substancial do património do clube ou a sua transferência para a SAD. Sucederam-se dois outros presidentes, José Eduardo Bettencourt e Luís Godinho Lopes, que enfrentaram uma oposição cada vez mais mobilizada e vocal. Nenhum deles completou o seu mandato. No início de 2013, era possível fazer um balanço do “Projeto Roquette” e das suas promessas. Nesse ano, o Sporting esteve à beira da declaração de insolvência e da implementação de um plano especial de revitalização. As dívidas chegavam aos 400 milhões de euros. Os ativos imobiliários – um edifício de escritórios, um centro comercial e os terrenos do antigo estádio – tinham sido vendidos com desconto. Os direitos de transferência dos melhores e mais promissores jogadores estavam entregues a vários fundos de investimento. Várias modalidades desportivas profissionais foram extintas e metade dos sócios deixaram de pagar as suas quotas mensais. As ações da SAD

perderam 80 por cento do seu valor. O clube não conquistou nenhum grande troféu durante mais de dez anos.

REAÇÃO ESPONTÂNEA: A EMERGÊNCIA DO CONTRAMOVIMENTO

Na primeira década de existência, quando outros clubes criavam as suas próprias SAD, o “Projeto Roquette” foi aclamado pela imprensa. Parecia ser um caminho inevitável, num momento em que a Liga dos Campeões abria novas perspetivas competitivas e financeiras para o futebol europeu, e Portugal celebrava a sua integração no “pelotão da frente” da integração europeia, preparando-se para aderir à moeda única e para a organização do Campeonato Europeu de Futebol de 2004. Era a época da europeização feliz (Rodrigues, 2021).

Sérgio Abrantes Mendes, um juiz desembargador e defensor da ideia tradicional do desporto como uma “escola de ética e virtudes”, foi uma das poucas vozes a opor-se à empresarialização do clube. Concorreu às eleições de 2006, contra a reestruturação financeira de Soares Franco, recebendo 25,3% dos votos. Quando concorreu novamente, em 2011, obteve apenas 1,95% dos votos, numa eleição em que Bruno de Carvalho concentrou os votos da oposição.

Ao mesmo tempo, um outro movimento de oposição ao “Projeto Roquette” emergiu nas assembleias gerais do clube, nas *roulottes* em redor do estádio, na blogosfera e noutros fóruns da internet. Tratava-se de um movimento internamente diversificado, que incluía membros de diferentes gerações e orientações políticas, com ideias muitas vezes contraditórias sobre o que o clube deveria ser, no que se deveria tornar, e também na apreciação que faziam do “Projeto Roquette”. Estes não eram membros das antigas famílias do clube, ao contrário de, por exemplo, Abrantes Mendes, ele próprio filho de um ex-futebolista que jogou no clube durante mais de uma década.

Essa ampla rede de grupos não se revelou capaz de construir um programa unificado e coerente. Como é típico das reações espontâneas e desorganizadas, sem o apoio de forças políticas, poderes económicos ou dos *media*, tanto o repertório de protesto quanto os temas em torno dos quais se organizavam abarcavam uma enorme variedade de questões e problemas (Kumar, 2009). Para alguns, tratava-se essencialmente de contestar a violência policial e as revistas à entrada dos jogos, o preço dos bilhetes e a proibição do uso de dispositivos pirotécnicos, ou ainda os horários de início dos jogos. Para outros, o foco estava na gestão do futebol profissional, na posição do clube no mercado de transferências, na venda dos melhores jogadores da academia, na rápida

circulação de jogadores, na crítica ao papel dos agentes de jogadores ou nas regras sobre a propriedade de jogadores – note-se que o Sporting foi, segundo Pippo Russo (2017), o fundador, em 2001, de um dos primeiros fundos de investimento em jogadores de futebol, o First Portuguese Football Players Fund, que esteve na origem da chamada Third Party Ownership (TPO), ou seja, a criação de um mercado de futuros para os passes dos jogadores de futebol. Para aqueles que adotavam uma atitude mais leal em relação à gestão do clube, esta ainda assim era criticada por manter relações próximas com clubes rivais, quando estes eram acusados de corrupção e suborno (de árbitros), de usar influência política para obter vantagens financeiras indevidas na construção de novos estádios, centros de treino e pavilhões desportivos, de usar o seu poder para influenciar uma cobertura tendenciosa pela imprensa desportiva, enquanto a gestão do Sporting, sempre orientada por uma ideia de clube de elite com um certo distanciamento elegante e aristocrático, evitava envolver-se nos conflitos e nos pormenores sempre ligeiramente obscuros do futebol português.

Como resultado, nos anos seguintes, em mais de uma centena de blogs, dezenas de encontros informais e jantares, alguns fóruns online e umas quantas reuniões em hotéis de três estrelas afastados das avenidas mais nobres da cidade, desenvolveu-se uma oposição mais vocal, não apenas centrada nas questões do momento, mas sobretudo ao modelo de governo do clube. Na crescente oposição à SAD, que a melhoria dos resultados da equipa de futebol durante o mandato de Filipe Soares Franco não mitigou, não se encontravam figuras públicas, os chamados notáveis ou mesmo jornalistas. Embora a oposição ao “Projeto Roquette” não fosse limitada a um perfil único, nestes fóruns a sua composição era bastante homogênea: a maioria dos editores de blogs eram homens, com idades entre os 20 e os 40 anos, residentes em áreas urbanas. Estes editores possuíam, na sua maioria, licenciaturas e muitas vezes tinham uma prática diária de escrita associada às suas atividades profissionais como técnicos de nível médio e especialistas nas profissões intelectuais e científicas. Eram acompanhados por outro grupo de atores sociais, de perfil operário, mais ligados às bancadas e aos espaços de convívio mais populares em redor do estádio, próximos do mundo das claques organizadas (Kumar, 2009).

A crescente mobilização dos adeptos contra a direção do clube – facilitada pela possibilidade de construir redes de comunicação autónomas mais amplas – decorria, para mais, num clima político em mudança acelerada. Na sequência da grande crise financeira de 2007, o prestígio dos gestores e especialmente dos banqueiros havia sofrido um abalo. Portugal não foi exceção, e o que parecia inevitável no final do milénio, o poder das instituições financeiras e a implementação de novos modelos de governamentalidade neoliberal, tor-

nou-se um problema reconhecido por muitos. Apesar de não ter uma ideologia política claramente definida, a expansão do repertório de protesto dos adeptos segue também alguns dos padrões de mobilizações populares contra a austeridade durante a intervenção da troika em Portugal entre 2011 e 2015 (Accornero e Pinto, 2015). Após a produção de manifestos sobre a história do clube que desenvolveram uma crítica extensa e articulada do “Projeto Roquette”,⁸ o protesto estendeu-se à criação de associações formais, à organização de greves de adeptos e boicotes aos jogos, petições, recolha de assinaturas para convocar assembleias gerais extraordinárias ou mesmo a exigência de uma auditoria geral às dívidas do clube.

Nas eleições de 2009, os setores mais vocais da oposição, perante a ausência de uma candidatura mais forte, como poderia ser a de Luís Aguiar de Matos, por exemplo,⁹ uniram-se em torno de um antigo inspetor da Polícia Judiciária, Paulo Pereira Cristóvão, que se tornara conhecido pelo seu uso excessivo da força em casos de grande cobertura mediática. Pereira Cristóvão obteve apenas 11,46% dos votos, contra José Eduardo Bettencourt, o candidato da chamada continuidade, um conhecido gestor bancário com uma boa reputação entre os adeptos. Quando Bettencourt saiu, depois de ele próprio ter demitido três treinadores e três diretores de futebol em 19 meses, Bruno de Carvalho, um homem de 39 anos, irrompeu subitamente na cena pública portuguesa.

ASCENSÃO E QUEDA DE BRUNO DE CARVALHO

Após a demissão do presidente em exercício, a 15 de janeiro de 2011, o clube encontrava-se, uma vez mais, em crise. Os resultados da equipa de futebol pioravam semana após semana. Jogadores influentes, como o capitão da equipa João Moutinho e o avançado brasileiro Liedson, foram vendidos para pagar despesas correntes. O não pagamento das dívidas poderia levar o clube a perder a maioria das ações na SAD. Assim, as decisivas eleições de março, não obstante a existência de seis candidatos, disputaram-se entre Godinho Lopes, o chamado candidato da continuidade, e Bruno de Carvalho, o candidato da mudança.

À semelhança de José Roquette, Bruno de Carvalho também tinha uma história para contar. Era o sobrinho-neto de um antigo primeiro-ministro

8 Veja-se, por exemplo, o “Manifesto Sporting: uma história do futuro”, publicado em dezembro de 2005 no blog *King Kizards*, ou ainda o “Manifesto scp: mais e melhor Sporting”, publicado no início de 2008 no site do Movimento de Cidadania Sportinguista, Leão de Verdade.

9 Paulo Curado, “Soares Franco dispôs do maior encaixe financeiro da história do Sporting”, *Público*, 27 de março de 2009. Disponível em: <https://www.publico.pt/2009/03/27/desporto/noticia/soares-franco-dispos-do-maior-encaixe-financeiro-da-historia-do-sporting-1371079>, acedido a 26-04-2024.

português, um homem ligado à extrema-direita, presidente do Partido da Democracia Cristã, o almirante Pinheiro de Azevedo, conhecido como o “almirante sem medo”, em quem se inspirou para se apresentar como o “presidente sem medo” (Roseiro, 2014). No entanto, as suas orientações políticas, com ligações ao PSD, eram um pormenor. Tinha sido membro da Juventude Leonina, a maior claque organizada do clube. Esteve envolvido na criação da Fundação Aragão Pinto, uma instituição de caridade ligada a um antigo atleta do Sporting, que trabalhava com crianças em risco de exclusão social e que lhe permitiu conhecer a elite dirigente do clube. O seu avô, Eduardo de Azevedo, escreveu uma história do Sporting. Também esteve envolvido na reconstrução da secção de hóquei em patins. Em suma, preenchia todos os requisitos do perfil que apelava a setores muito diferentes do clube e construiu um claro contraste com os seus antecessores: adepto de bancada, dirigente com experiência tanto no sector filantrópico como naquilo a que os adeptos chamam “o ecletismo”. Para além destes traços apelativos para alguns sectores da “massa associativa”, quando lançou a sua candidatura à presidência associou-se a um comentador desportivo, Eduardo Barroso, um reconhecido cirurgião e defensor público do “Projeto Roquette”, o que garantia a Bruno de Carvalho respeitabilidade e acesso a programas de televisão. Fora disto, pouco se sabia sobre a sua vida pessoal, apenas que havia sido administrador de algumas pequenas empresas de construção civil, sem grande sucesso.

Na sua campanha eleitoral, focada na defesa da preservação da maioria do capital da SAD pelo clube e na construção de um pavilhão para os desportos profissionais, Bruno de Carvalho criticou as “portas giratórias” entre os cargos de gestão do clube e o setor bancário. Para lidar com o facto de não ter uma fortuna pessoal e não ser apoiado pelos bancos, introduziu um grupo de investidores russos – incluindo Leonid Tyagachyov, ex-presidente do Comité Olímpico Russo e senador do Conselho da Federação Russa – que iriam criar um fundo para jogadores e injetar 50 milhões de euros na SAD. Em linha com campanhas passadas, uma parte substancial da candidatura centrou-se no projeto futebolístico: discutiu modelos táticos (tinha curso de treinador e um mestrado em gestão desportiva), apresentou um treinador de renome, Marco van Basten, e mencionou a possibilidade de algumas contratações importantes. O seu diretor desportivo era o treinador responsável pelo título de 2000, o penúltimo do clube, Augusto Inácio. No final, perdeu as eleições por 360 votos. Após a suspeita de fraude não ter tido provimento nos tribunais, reconheceu a vitória de Godinho Lopes e aguardou a sua vez.

Durante os dois anos sob a liderança de Godinho Lopes, a dívida aumentou substancialmente. A gestão desportiva tornou-se ainda mais errática, com sucessivas contratações e despedimentos de treinadores de futebol, chegaram

a ser três em apenas um ano. Membros da estrutura de gestão demitiram-se, alguns enfrentando acusações criminais, e surgiram crises internas. No início de 2013, para além de todos esses problemas, a equipa de futebol encontrava-se num impensável 12.º lugar na liga, a apenas um ponto da zona de descida de divisão, a pior posição de sempre do clube no campeonato português.

Uma petição iniciada por dois jovens adeptos, estudantes de arquitetura e de relações internacionais, que criaram um movimento chamado Dar Rumo ao Sporting, com o objetivo de remover o presidente e a sua direção com base em diversas acusações de má gestão, desencadeou o colapso da direção de Godinho Lopes. O movimento nasceu no Facebook e em fóruns de adeptos. Rapidamente recolheu as assinaturas necessárias para convocar uma assembleia geral. A direção tentou bloquear a iniciativa por todos os meios, incluindo persuasão, ameaças e coerção. Para evitar tornar-se na primeira direção destituída pelos adeptos na história do clube, a equipa de Godinho Lopes renunciou no início de fevereiro de 2013.

Bruno de Carvalho venceu as eleições a 24 de março, com 53% dos votos. José Couceiro, um ex-jogador do clube e considerado o candidato do “Projeto Roquette”, obteve 45% dos votos. Nos cinco anos seguintes, Bruno de Carvalho correspondeu à imagem de um homem intransigente na defesa dos interesses do clube. Inicialmente, desenvolveu um estilo beligerante, tendo como alvo as elites do clube. Abordava os seus rivais de forma sistematicamente ofensiva e desagradável. Envolveu-se em conflitos com praticamente todas as instituições futebolísticas: agentes de jogadores, jogadores, treinadores, outros presidentes, responsáveis federativos, árbitros, jornalistas e comentadores. No final do seu mandato, também entrou em conflito com muitos dos seus colegas do conselho diretivo. Mas para além do seu estilo, que muitos dos seus apoiantes apreciavam e uma pequena minoria rejeitava, era com o programa de Bruno de Carvalho que muitos se identificaram, de uma forma ou de outra.

Na sua segunda candidatura, os investidores russos desapareceram. No entanto, foram substituídos, de forma mais discreta, por uma empresa, a Holdimo, gerida por um banqueiro angolano ligado ao Grupo Espírito Santo, Álvaro Sobrinho, que terá investido cerca de 30 milhões de euros no clube, ficando com cerca de 30% do capital da SAD, por troca de percentagens de passes de diversos jogadores.¹⁰ Logo após as eleições, em junho de 2013, Bruno de Carvalho conseguiu aprovar em assembleia geral o plano de reestruturação financeira com 97% dos votos. Este plano permitiu adiar e reestruturar

10 Sérgio Pereira, “Sporting: reestruturação troca acções por dinheiro e passes”, *Maisfutebol*, 30 de junho de 2013. Disponível em: <https://maisfutebol.iol.pt/sporting-reestruturacao-troca-accoes-por-dinheiro-e-passes>, acedido a 26-04-2024.

o pagamento da enorme dívida do clube. Por outras palavras, evitou a falência e criou as condições para o clube manter uma participação maioritária na SAD nos cinco anos seguintes. Encomendou uma auditoria de gestão, realizada pela Mazars, uma grande consultora internacional, publicada em 2015. Como sintetizou o jornal *Expresso*: “Negócios imobiliários decididos à porta fechada. Gastos excessivos. Receitas muito inferiores aos custos. Passivos descontrolados. Gestores do clube a trabalhar para empreiteiros. Fornecedores sem contratos. Comissões elevadas para jogadores. No final de 1994, o Sporting tinha ativos imobiliários de 55 milhões de euros e uma dívida bancária quase inexistente; em meados de 2013, os ativos imobiliários eram praticamente inexistentes e a dívida bancária totalizava 331 milhões de euros.”¹¹ Fora também esse o diagnóstico da “massa associativa” que, ainda antes da auditoria, conduziu Bruno de Carvalho à presidência.

O mandato de Bruno de Carvalho começou com processos judiciais e confrontos com agentes de jogadores relacionados com dois casos: Bruma e Marcos Rojo. Esses dois casos levaram, por sua vez, a processos contra um agente de jogadores de dimensão internacional, Pini Zahavi, e o fundo de investimento Doyen Sports, opondo-se à chamada Third Party Ownership, que foi efetivamente proibida em 2015 pela FIFA. Ainda neste campo, Bruno de Carvalho embarcou num conflito permanente com Jorge Mendes, o superagente português, um dos pioneiros no uso desta tecnologia financeira com a sua empresa de agenciamento Gestifute, pouco tempo depois de este ter sido agraciado pelo governo português, em 2012, com o Colar de Honra ao Mérito Desportivo. A partir de 2015, foi também um *hacker* português, Rui Pinto, quem, encontrando-se no centro do chamado *Football Leaks*, revelou mais sobre o sub-mundo do futebol internacional, com o intenso envolvimento dos rivais do Sporting em muitos casos relacionados com práticas ilícitas. A arbitragem, sempre um tema central no futebol português, revelou-se uma outra das áreas de intervenção prioritárias de Bruno de Carvalho. Para além de expor casos de suspeita de corrupção num estilo extremamente agressivo, alinhado com os padrões tradicionais do dirigismo desportivo português, também promoveu a instituição do *Video Assistant Referee* (VAR) e a profissionalização da arbitragem. Por fim, outros dos elementos decisivos do seu programa passava pela centralização da negociação dos direitos televisivos, que em Portugal eram negociados clube a clube, uma exceção a nível europeu.

11 Pedro Santos Guerreiro, Mariana Cabral e João Silvestre, “Auditoria à gestão do Sporting implica ex-gestores”, *Expresso*, 27 de junho de 2015. Disponível em: <https://expresso.pt/arquivo/desporto/2015-06-27--Auditoria-a-gestao-do-Sporting-implica-ex-gestores>, acedido a 26-04-2024.

Em resumo, quando foi reeleito com 86,13% dos votos em março de 2017, uma eleição na qual se registou um recorde de participação dos sócios (18 755 eleitores), Bruno de Carvalho era uma figura quase consensual dentro do clube. O pavilhão desportivo estava quase construído – foi inaugurado em junho desse mesmo ano – e modalidades como hóquei em patins, andebol, futsal e atletismo conquistaram títulos europeus. Manteve a maioria na SAD, reduziu o déficit para 270 milhões de euros em cerca de cinco anos.¹² Impôs a sua agenda de reforma do futebol português e europeu com a defesa do VAR, críticas à TPO e a busca por uma redistribuição mais equilibrada dos direitos de transmissão televisiva. Inaugurou também o canal de televisão do Sporting. Ao mesmo tempo, quebrou com a tradição elitista das direções anteriores e, como resultado, o número de sócios cresceu substancialmente, e o estádio estava cheio, ainda que a equipa de futebol só tivesse conquistado uma Taça de Portugal em 2015. Depois de anos de crise e ameaças de falência, o clube parecia estabilizado, apesar da sua gestão autoritária da equipa de futebol e dos conflitos com treinadores e jogadores, quase sempre relacionados com pedidos de transferência e questões contratuais e salariais. Em 2016, o Sporting esteve muito perto de se tornar campeão, depois de contratar o treinador Jorge Jesus do rival Benfica. Assim, e para sintetizar, ao contrário do que a maioria dos comentadores argumentou ao longo do período, não foi simplesmente o desejo de vitórias desportivas que mobilizou os adeptos. Independentemente da sua orientação política ou perfil socioeconómico, a partir de diferentes preferências e preocupações, nem sempre concordantes entre si, os adeptos apoiavam Bruno de Carvalho mais pelo seu programa de reforma do clube e do futebol português do que pelo estilo discursivo e performativo. De forma surpreendente, tudo se transformou no ano seguinte, por razões que ainda são objeto de debate no interior da comunidade desportiva: talvez por causa da busca obsessiva por glória desportiva. Talvez por causa dos conflitos gerados com quase todos os agentes e instituições futebol e com a comunicação social portuguesa. Talvez pela situação financeira da SAD ligada à necessidade de recompra das obrigações associadas aos empréstimos bancários e às divergências com a Holdimo. Talvez por causa da sua própria vida pessoal e personalidade. Talvez pela conjugação de todos esses fatores.

Os eventos sucederam-se rapidamente. Após uma temporada malsucedida no futebol, no verão de 2017, o Sporting fez o maior investimento em contratações da história, abandonando a política de equilíbrio financeiro. A vida

12 “Passivo da Sporting SAD desce 40 milhões no primeiro semestre”, *Record*, 28 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://www.record.pt/futebol/futebol-nacional/liga-betclic/sporting/detalhe/passivo-da-sporting-sad-desce-40-milhoes-no-primeiro-semester>, acedido a 26-04-2024.

peçoal de Bruno de Carvalho enchia as manchetes da imprensa “cor-de-rosa”, após um divórcio e rumores de abuso de álcool e drogas. A maioria do capital da SAD estava prestes a ser perdida se o título nacional e o acesso à Liga dos Campeões falhassem. A tensão crescente, aliada à esmagadora vitória nas eleições, levou-o a fazer uma “ameaça” aos adeptos, ao seu “exército”, como se referia aos sócios, em janeiro: ou aprovavam uma reforma dos estatutos do clube, com uma proposta que limitava a liberdade de expressão dos sócios e restringia o pluralismo interno nas eleições, ou ele se demitia. Passou a usar as redes sociais e o canal de televisão do clube para fazer discursos longos e aparentemente improvisados, e por vezes desconexos, nos quais se repetiam os temas da traição e da falta de solidariedade dos sócios. Chegou inclusivamente a pedir aos sócios que deixassem de consumir a informação dos meios de comunicação social (sem grande sucesso, note-se). Apesar dessa deriva autoritária, muitos sócios temiam o retorno das antigas elites. As propostas relativas à alteração dos estatutos obtiveram, numa assembleia geral realizada a 17 de fevereiro de 2018, mais de 87% de votos favoráveis e 89% dos sócios votaram pela continuidade da sua direção, questão também submetida a referendo.

Após duas derrotas comprometedoras em abril, tudo se acelerou. Depois de uma derrota com o Atlético de Madrid, os atletas publicaram um comunicado a repudiar as críticas que o presidente havia feito nas redes sociais.¹³ Este reagiu com processos disciplinares aos jogadores que, entretanto, foram retirados antes do jogo seguinte. Alguns adeptos abordaram agressivamente os jogadores num aeroporto após mais uma derrota e ameaçaram-nos. O presidente permaneceu em silêncio. A 18 de maio, ocorreu o ataque ao centro de treinos. Ao longo de todo o mês seguinte, e na realidade ao longo de todo o verão, uma parte significativa dos analistas e comentadores desportivos, e também alguns segmentos das elites portuguesas, tomaram Bruno de Carvalho como uma ameaça a uma grande instituição portuguesa e, de certo modo, como uma figura que representava os perigos de projetos que classificavam como populistas. A história mais detalhada desse verão não cabe no âmbito deste artigo. No entanto, o ataque ao centro de treinos de Alcochete tornou-se uma questão nacional. Bruno de Carvalho tornou-se um símbolo de demagogia, autoritarismo e populismo. O seu silêncio relativo a eventos anteriores, tal como a minimização da gravidade dos acontecimentos de Alcochete, foi interpretado como sinal de culpa. No quadro do conflito interno que se sucedeu, recusou-se

13 “Plantel dá recado a Bruno de Carvalho: «Todos os problemas resolvem-se dentro do grupo»”, *Record*, 6 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.record.pt/futebol/futebol-na-cional/liga-betcllc/sporting/detalhe/plantel-da-recado-a-bruno-de-carvalho-todos-os-assuntos-resolvem-se-dentro-do-grupo>, acedido a 26-04-2024.

a renunciar mesmo após ser destituído do cargo pelo presidente da Mesa da Assembleia Geral do clube, Jaime Marta Soares. Finalmente, uma nova assembleia geral decorreu a 23 de junho para destituir a sua direção e suspendê-lo como sócio, proposta que recolheu 70% dos votos. Foram convocadas eleições e o médico da equipa, Frederico Varandas, um antigo militar com comissões de serviço no Afeganistão, tornou-se presidente depois de uma longa campanha eleitoral. De maio a setembro, o país acompanhou “o caso Sporting”. Bruno de Carvalho acabaria por ser absolvido das acusações de ser o autor ou o mandante do ataque a Alcochete. Tornou-se, entretanto, uma figura caricatural do espaço público português. Participou em *reality shows* televisivos, como o *Big Brother*, e nalguns programas de comentário sobre a vida sentimental dos famosos. Iniciou uma carreira como DJ em discotecas de segunda e terceira linha. E, finalmente, assumiu o estatuto de ícone do hip-hop comercial. Como se canta numa música de sucesso: “O povo já está espremido, e farto de ser comido, Bruno de Carvalho no *beat*, brincadeira tem hora limite.”¹⁴

CONCLUSÕES

A tumultuosa carreira de Bruno de Carvalho foi objeto de intenso debate e deixou uma marca no futebol e na sociedade portuguesa. Para compreender a forma como o seu mandato capturou a imaginação nacional é importante notar que, em primeiro lugar, representou um novo tipo de liderança no campo desportivo português. Ele foi, possivelmente, o primeiro “presidente adepto”, um tipo que rompeu com os padrões anteriores de acesso a essa posição social. Em segundo lugar, Bruno de Carvalho tem sido apresentado como um líder autoritário e populista. Trata-se, na realidade, de uma descrição precisa, se entendermos o populismo como um repertório discursivo e estilístico. O ataque sistemático às direções anteriores do clube, cujos membros eram tratados por “croquetes” ou “viscondes”, as acusações de corrupção que lançava sobre elas, a sua identificação com o adepto comum e a tentativa de criar fronteiras claras e conflitos entre o seu clube e os rivais, bem como a leitura carismática e personalista que fazia do seu próprio papel enquanto presidente de um grande clube desportivo, todos estes traços correspondem a um perfil populista bastante preciso. Estes não eram, contudo, traços novos na gestão do futebol português, exceto pela sua marca específica de antielitismo dirigida a um segmento específico do topo da pirâmide social. Apesar de se enquadrar no perfil populista, é impossível entender o seu apelo sem considerar claramente o programa e o

14 Scró que Cuia feat. Bruno de Carvalho, *Castigo*. Disponível em: <https://youtu.be/cqL2SdJ4xsM?si=fQALGcjBHnvjHkNF>, acedido a 26-04-2024.

contexto que o ajudou a vencer as eleições de 2013 bem como as suas políticas e práticas de gestão do clube.

O que, na realidade, segundo o argumento aqui apresentado, contribuiu para tornar Bruno de Carvalho numa figura singular foi o papel que desempenhou nas lutas políticas relativas às formas institucionais e ao sentido e projeto humano subjacentes a um importante clube de futebol em Portugal. Quando concorreu à presidência, tanto em 2011 como em 2013, o Sporting Clube de Portugal, uma instituição central na sociedade portuguesa, encontrava-se à beira da falência, numa longa trajetória de declínio desportivo e financeiro. As causas e os responsáveis por esse processo haviam sido objeto de numerosos debates nos anos anteriores. Para muitos, a responsabilidade residia nas mudanças organizacionais observadas no futebol português desde finais da década de 1990 e na criação de sociedades anónimas desportivas para gerir as secções de futebol dos clubes profissionais. O Sporting e as suas elites, com ligações profundas ao topo da hierarquia empresarial e política portuguesa, encontravam-se no centro dessas transformações, que, objetivamente, falharam nos seus propósitos declarados. Mas os grupos dispersos que criticavam a atuação das anteriores presidências foram, por sua vez, incapazes de inscrever a sua agenda na imprensa nacional e de produzir candidatos sérios à presidência. Bruno de Carvalho conseguiu conjugar com sucesso a sua própria trajetória pessoal com a economia moral dos adeptos que se opunham à transformação empresarial do clube – receosos tanto da falência como da perda de uma posição maioritária no capital da SAD. Para além disso, e ao contrário dos seus antecessores que se opuseram ao projeto Roquette, conseguiu também conquistar o apoio de alguns “notáveis”, o que lhe permitiu ter acesso aos meios de comunicação social, bem como o apoio de novos grupos financeiros à procura de um ponto de entrada no futebol português.

O seu primeiro mandato lança luz sobre o programa que o fez eleger e sobre o modo como interpelou diversos sectores da chamada massa associativa do clube, que encontravam nele alguém que respondia a preocupações e ansiedades diversas e muitas vezes desconexas e desarticuladas: controlo do clube sobre o capital da SAD, investimento em diferentes modalidades desportivas e construção de um novo pavilhão, luta contra a corrupção, exigência de reconfiguração de vários aspetos da economia política do jogo (visível, por exemplo, na sua luta contra a TPO), entre muitos outros temas. No essencial, para além de ter assumido uma forma de expressão e de representação do clube que não antagonizava os seus sócios e adeptos, articulou questões que haviam sido ignoradas pelas anteriores direções do clube.

Finalmente, o que o tornou numa figura de interesse nacional, e o que transformou o ataque à academia de Alcochete numa questão política, uma

hipótese a explorar em próximos trabalhos, foi a possibilidade de este tipo de figura e, especialmente, de este tipo de agenda de protesto e de governo se expandir para outros campos da sociedade portuguesa. Bruno de Carvalho surgiu no contexto de uma reação negativa contra o setor financeiro e as elites portuguesas. Esses foram também os gestores que conduziram à crise do Sporting. Bruno de Carvalho explorou incessantemente essa linha de argumentação durante o seu mandato. O incidente de Alcochete permitiu, por conseguinte, tornar grotesca uma figura já de si idiossincrática, mas especialmente marginalizar a agenda que o levou ao poder, e reafirmar o poder das elites tradicionais sobre o clube. Em suma, se olharmos para além da estética de Bruno de Carvalho e nos concentrarmos na política dos seus apoiantes através de uma lente polanyiana, e se enquadrarmos o seu mandato numa cronologia mais ampla para lá de alguns episódios de alta intensidade dramática escolhidos mais ou menos avulso, a sua ascensão e queda podem ser interpretadas como uma expressão da luta entre as forças de mercantilização e as forças de proteção social, que procuravam reafirmar uma visão específica, socialmente enraizada, do clube desportivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACCORNERO, G., PINTO, P.R. (2015), “‘Brandos costumes?’ Protesto e mobilização em Portugal sob a austeridade, 2010-2013”. *Estudos Ibero-Americanos*, 41 (2), pp. 393-421.
- ALCOCK, R. (2021), “English football’s polanyian moment, the European Super League”. *The International Karl Polanyi Society Blog*. <https://www.karlpolanyisociety.com/2021/05/03/english-footballs-polanyian-moment-the-european-super-league/>. Acedido a 26-04-2024.
- BROMBERGER, C. (1995), *Le match de football, ethnologie d’une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*, Paris, Maison des Sciences de l’Homme.
- BROWN, A. (2008). “«Our Club, our rules»: fan communities at FC United of Manchester”. *Soccer and Society*, 9 (3), pp. 346-358.
- BRUBAKER, R. (2017), “Why populism?”. *Theory and Society*, 46, pp. 357-385.
- BURLAMAQUI, L. (2013), *A Outra Razão: Presidentes de Clubes de Futebol entre Práticas e Representações*. Dissertação de Mestrado, Niterói, Instituto de História da Universidade Federal Fluminense.
- CLIFT, B. C., TOMLINSON, A. (eds.) (2021), *Populism in Sport, Leisure and Popular Culture*, Londres e Nova Iorque, Routledge.
- DOMINGOS, N., KUMAR, R. (2006), “A grande narrativa futebolística: a evolução da notícia desportiva em Portugal”. In D.R. Curto (org.), *Estudos de Sociologia da Leitura em Portugal no séc. XX*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 575-638.
- DOMINGOS, N., PEREIRA, V. (2019), “Le club de football et la culture de masse. Notes sur un projet de recherche inédit de José Cutileiro”, *Lusotopie*, 18 (1), pp. 119-141.

- DUNNING, E., SHEARD, K. (2005), *Barbarians, Gentlemen and Players: A Sociological Study of the Development of Rugby Football*, Londres e Nova Iorque, Routledge.
- EVANS, P. (2021), “Polanyi meets Bolsonaro: reactionary politics and the double movement in twenty-first-century Brazil”. *International Sociology*, 35 (6), pp. 674-690.
- FRASER, N. (2017), “Why two Karls are better than one: integrating Polanyi and Marx in a critical theory of the current crisis”. *Working Paper der DFG Kollegforscher_innengruppe Postwachstumsgesellschaften*, 1.
- HARVEY, D. (2005), *A Brief History of Neoliberalism*, Nova Iorque, Oxford University Press.
- KENNEDY, P., KENNEDY, D. (2016), *Football in Neo-liberal Times. A Marxist Perspective on the European Football Industry*, Londres, Routledge.
- KING, A. (2002), *The End of Terraces: The Transformation of English Football in the 1990's*, Londres, Leicester University Press.
- KUMAR, R. (2009), “Leituras de jogo: uma blogosfera clubista”. In I. Brasão et al. (coords.), *Comunidades de Leitura: Cinco Estudos de Sociologia da Cultura*, Lisboa, Colibri, pp. 121-174.
- KUMAR, R. (2012), “Futebol e política no Portugal democrático: a lógica da conversão de capitais”. In N. Domingos e N.C. Tiesler, *Futebol Português: Política, Género e Movimento*, Porto, Afrontamento, pp. 83-111.
- KUMAR, R. (2020), “Sociogenèse du champ sportif portugais: la formation d’une structure duelle au tournant du xxe siècle”. *European Studies in Sports History*, 13, pp. 35-59.
- LOPES, F.T.P., HOLLANDA, B.B. (2018), “«Futebol moderno»: ideologia, sentidos e disputas na apropriação de uma categoria futebolística”. *Revista de Estudios Brasileños*, 5 (10), pp. 159-175.
- MELO, D. (2010), “«A força do povo»: photomaton do associativismo popular”. In J. Neves (org.), *Como Se Faz Um Povo*, Lisboa, Tinta-da-china, pp. 353-367.
- MERKEL, U. (2012), “Football fans and clubs in Germany: conflicts, crises and compromises”. *Soccer and Society*, 13 (3), pp. 359-376.
- MILLWARD, P. (2012), “Reclaiming the Kop? Analysing Liverpool supporters’ 21st century mobilizations”. *Sociology*, 46 (2), pp. 633-648.
- MOLNAR, G., WHIGHAM, S. (2021), “Radical right populist politics in Hungary: reinventing the Magyars through sport”. *International Review for the Sociology of Sport*, 56 (1), pp. 133-148.
- MUDDE, C., KALTWASSER, C.R. (2017), *Populism: A Very Short Introduction*, Oxford e Nova Iorque, Oxford University Press.
- NORONHA, R. (2018), “A Banca ao Serviço do Povo”: *Política e Economia durante o PREC (1974-75)*, Lisboa, Imprensa de História Contemporânea.
- NUNES, J.S. (2007), *Culturas Adeptas do Futebol. O Espaço Plural da Condição Adepta: Práticas e Identidades*. Tese de doutoramento, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- POLANYI, K. (2012 [1944]), *A Grande Transformação: As Origens Políticas e Económicas do Nosso Tempo*, Lisboa, Edições 70.
- PORRO, N., RUSSO, P. (2001), “Berlusconi and other mathers; the era of ‘football-politics’”. *Journal of Modern Italian Studies*, 5 (3), pp. 348-370.
- PRATAS, S. (2022), *Associações, Democracia e Utopias Reais: O Caso das Associações de Cultura, Recreio e Desporto*, Coimbra, Almedina.
- PUJADAS, X., e TORRES, C.S. i (2000), “Deporte y modernización en el ámbito mediterráneo. Reflexiones para una historia comparada (1870-1945)”. *Cercles. Revista d’Història Cultural*, 3, pp. 43-58.

- RAGIN, C. C., BECKER, H. S. (eds.) (1992), *What Is a Case? Exploring the Foundations of Social Inquiry*, Nova Iorque, Cambridge University Press.
- RODRIGUES, J. (2021), *O Neoliberalismo não É Um Slogan*, Lisboa, Tinta-da-china.
- RODRIGUES, J., SANTOS, A. C., TELES, N. (2016), “Semi-peripheral financialisation: the case of Portugal”. *Review of International Political Economy*, 23 (3), pp. 480-510.
- ROQUETTE, J., VEGAR, J. (2016), *O Que Deixo aos Que Continuam; Memórias de José Roquette, conversas com José Vegar*, S. I., José Roquette.
- ROSEIRO, B. (2014), *Bruno de Carvalho: O Presidente sem Medo*, Lisboa, Matéria-Prima.
- RUSO, Pippo (2017), *A Orgia do Poder: A História nunca Contada de Jorge Mendes*, Lisboa, Planeta.
- SILVA, J. C. N. S. da (2024), *Futebol, Trabalho e Associativismo nos Bairros Operários de Lisboa: As Origens do Oriental (1911-1946)*, Tese de Doutoramento, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.
- SILVA, J. G., MARINHA, A. (2024), “Calling a spade a spade: the concept of populism in the Portuguese press”. *Análise Social*, 251, 59 (2), pp. 2-34.
- SILVA, P. A., TOMAZ, J. (2017), *Deixemo-nos Sonhar. Caso Saltillo: Portugal e o México* 86, Lisboa, Tinta-da-china.
- TELES, A. T. (2010), *Filipe Soares Franco: Discurso Directo*, Carcavelos, Prime Books.
- WEBBER, D. (2017), “«Playing on the break»: Karl Polanyi and the double-movement «Against Modern Football»”. *International Review for the Sociology of Sport*, 52 (7), pp. 875-893.

Recebido a 08-05-2024. Aceite para publicação a 23-10-2025.

KUMAR, R. (2025), “‘O modelo exato de um movimento populista’: a ascensão e queda de Bruno de Carvalho como presidente do Sporting Clube de Portugal”. *Análise Social*, 256, LX (3.º), e44303. <https://doi.org/10.31447/44303>.

Rahul Kumar » rahulkumar@fmh.ulisboa.pt » Faculdade de Motricidade Humana – Universidade de Lisboa » Estrada da Costa — 1499-002 Cruz Quebrada, Dafundo, Portugal » <https://orcid.org/0000-0003-4799-149X>.
